

M | A | R G S

Projeto Delta

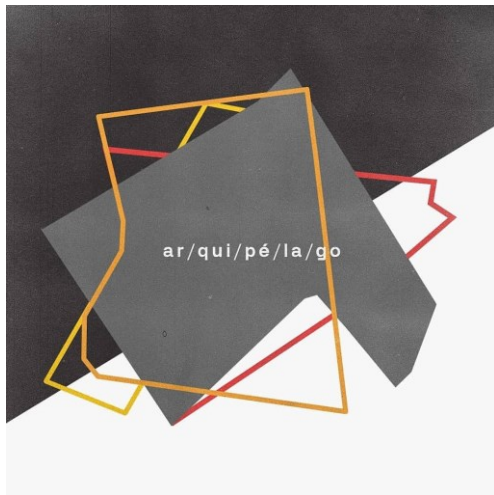
ANO	2020
TIPO DE ATIVIDADE	Ação digital
INÍCIO	07/12/2020
TÉRMINO	18/12/2020
ARTISTA(S) / PARTICIPANTE(S)	Artistas do Acervo Artístico do MARGS: Tunga e Waltercio Caldas Participantes do projeto Delta/Arquipélago: Ana Alice, André Severo, Andressa Cantergiani, Daniele Barbosa, Eduardo Veras, Guilherme Mautone, Ío (duo formado por Laura Cattani e Munir Klamt), Juliana Proenço, Letícia Lopes, Luísa Kiefer, Marcelo Gobatto e Paulo H. Lange
CURADORIA	Não se aplica
PROMOÇÃO	Governo do Estado do Rio Grande do Sul Secretaria de Estado da Cultura do RS MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul Arquipélago
OBRAS	02
ORIGEM DAS OBRAS	Acervo Artístico do MARGS (reprodução digital de imagens)
LOCAL	Não se aplica
CONTAGEM DE PÚBLICO	Sem informações
OBSERVAÇÕES	<p>Por meio do projeto “Delta”, participantes do Arquipélago (coletivo de artistas e pesquisadores que difunde por meios digitais conteúdos relacionados à arte contemporânea e à produção artística) desenvolveram análises a partir de obras integrantes de acervos ou de exposições de instituições de Porto Alegre e região.</p> <p>No caso do MARGS, foram selecionadas as obras: “01” (1984-86), tríptico de desenhos de Tunga, e “O colecionador” (1974), livro de artista de Waltercio Caldas. Os exercícios crítico-visuais foram compartilhados no Instagram e no Facebook do Museu.</p>

Projeto Delta

Instagram

Post 01: publicado em 07/12/2020, contendo 06 cards e legenda

https://www.instagram.com/p/C1f7F4WgfnK/?utm_source=ig_web_copy_link



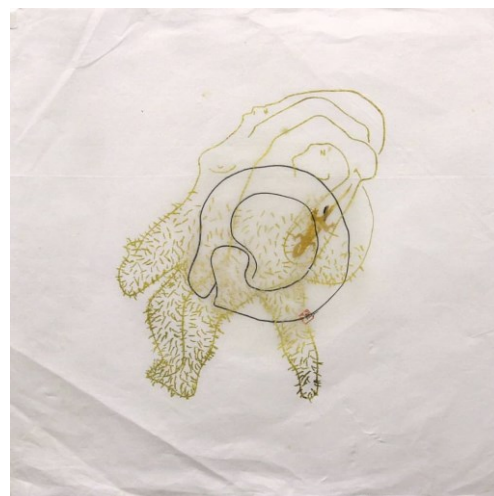
Card 01



Card 02



Card 03



Card 04



Card 05



Card 06

Legenda do post 01:

O MARGS apresenta ao público um programa especial de reflexões sobre obras que integram o Acervo Artístico do Museu. Dois grandes nomes da arte contemporânea no Brasil terão seus trabalhos analisados: Tunga (1952-2016) e Waltercio Caldas (1946).

Os exercícios crítico-visuais começam a ser compartilhados a partir desta segunda-feira, 07.12.2020, e se estendem até o dia 19.12.2020, no Instagram e no Facebook do MARGS. Serão duas edições de parceria do Museu com o Arquipélago – coletivo de artistas e pesquisadores que difunde por meios digitais conteúdos relacionados à arte contemporânea e à produção artística.

Por meio do projeto “Delta”, participantes do Arquipélago desenvolvem análises escritas e/ou visuais a partir de obras integrantes de acervos ou de exposições de instituições artísticas de Porto Alegre e região. No caso do MARGS, foram selecionadas as seguintes obras de seu Acervo Artístico: “01” (1984-86), tríptico de desenhos de Tunga, e “O colecionador” (1974), livro de artista de Waltercio Caldas.

Na primeira semana de programa, de 07 a 12.12.2020, o exercício crítico-visual será voltado à obra “01”, de Tunga, adquirida em 1986 pelo Museu através de prêmio no “Salão Caminhos do Desenho Brasileiro”. Os textos e as referências visuais com múltiplos caminhos possíveis para pensar essa obra serão apresentados pelos artistas e pesquisadores do Arquipélago: Ana Alice, Andressa Cantergiani, Daniele Barbosa, Ío (duo formado por Laura Cattani e Munir Klamt), Letícia Lopes e Marcelo Gobatto.

A segunda edição do programa, de 14 a 19.12.2020, compartilhará reflexões impulsionadas pelo livro de artista "O colecionador" (1974), de Waltercio Caldas – obra doada ao MARGS no ano de 2000 pelo empresário e colecionador Gilberto Chateaubriand Bandeira de Mello (1925). Os conteúdos sobre esse trabalho serão apresentados pelos artistas e pesquisadores que integram o coletivo Arquipélago: André Severo, Eduardo Veras, Guilherme Mautone, Juliana Proença, Luísa Kiefer e Paulo H. Lange.

Acompanhe!

Post 02: publicado em 07/12/2020, contendo 02 cards e legenda

https://www.instagram.com/p/Clgye_HgS_Z/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



Card 02

Legenda do post 02:

Delta Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

•

Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras de seu acervo. Esta faz parte de um tríptico de Tunga, “01” (1984/86), adquirido em 1986 através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro.

-

Texto Marcelo Gobatto – @marcelogobatto

-

Tunga tem gosto pela experimentação e pesquisa de materiais. Suas obras têm também um ar enigmático, por conta da aparência propositadamente hermética, e sua produção nos anos 1970 e 80 carrega sintomas da época: segue com as rupturas com a arte moderna (e a especialização) realizadas por artistas brasileiros/as dos 1960, especialmente do movimento neoconcreto, e dialoga com a arte conceitual e a “linguagem” (a escrita e a narrativa) dos 1970.

Abre-se ao contemporâneo, ao transversal, ao que se dá nas fronteiras. Os signos presentes em suas obras, como neste desenho, repetem-se em um tempo cíclico, sem direção. Este desenho/gravura de 1984 apresenta um casal bailando, criado por linhas (gravadas) que se entrecruzam para formar as figuras, acrescidas de outras linhas repetidas, como cabelos ou limalhas de ferro (lembrando espinhos).

Há ainda o tacape (algo surreal) e a lagartixa (que remete sempre aos palíndromos ou ao infinito). E um anel. A mesma imagem do casal está presente em outras obras: “Pintura sedativa” (1985) — acoplada sobre formas que lembram tranças; “Casal bailando” (1987) (nanquim sobre papel); “Série Desenho nº 4” (1998), feito com pastel a óleo.

Como nas suas instaurações, proposições nas quais os resíduos tornam-se “instalação”, quase cenográfica, certas formas bidimensionais instauradas, sabe-se lá em qual momento, retornam e compõem outras/novas proposições “tecidas” no papel (ou em seda).

-

Imagens:

1) Tunga (@institutotunga) – “01 (1984/86)

-

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

-

#artecontemporanea

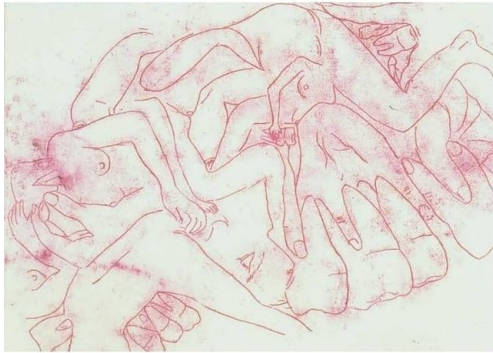
Post 03: publicado em 08/12/2020, contendo 08 cards e legenda
https://www.instagram.com/p/CljQCYAg-qQ/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



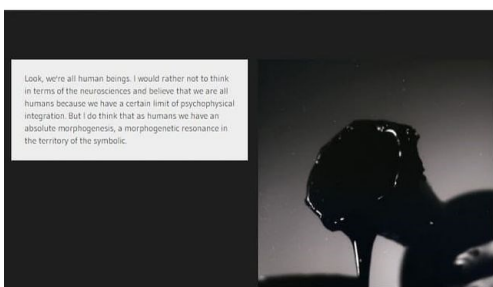
Card 02



Card 03



Card 04



Card 05



Card 06



Card 07



Card 08

Legenda do post 03:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

-

Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras de seu acervo. Esta faz parte de um tríptico de Tunga, “01” (1984/86), adquirido em 1986 através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro.

-

Texto Daniele Barbosa – @danivanillas

-

Os elementos presentes na obra de Tunga provocam os sentidos, acessam o desconhecido dentro de nós – constroem uma dimensão própria, na qual o que é fluido e orgânico se misturam. Biologia, teatro e desenho. Tunga tem uma realidade sua, perceptível das palavras às obras. Linhas que performam pessoas, pessoas que performam ser coisa, coisa que é coisa em um, um que é várias partes...Três!

O sensorial é coisa curiosa, acessa a neurodinâmica das sensações, não somente visuais, quando vemos uma imagem, na atualidade majoritariamente digital; tão magnífico o cérebro, que mergulhada no extenso universo das obras de Tunga não somente via, mas sentia e ouvia. O som, como constância na realidade, também se manifesta nos níveis mentais, ressoa em memórias, cria ambientes com cheiros e texturas, auras de incompreensão e confusão, núcleos de nós e do todo.

Deixo como sugestão a música “I Hear You Now”, de Jon & Vangelis, lançada na mesma década que “01” de Tunga, para ouvir, ver, sentir e magnetizar-se à seleção de imagens que senti reunir.

-

Imagens:

- 1) Tunga. Fragmento da obra "01", 1984/86. Técnicas diversas, 63.2 x 61.6 (35.5 x 40.9) cm. Aquisição através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro, MARGS, 1986. Acervo Artístico MARGS
- 2) “Gravitação magnética” (1987)
- 3) Sem título – pastel sobre papel
- 4) “Palíndromo incesto” (1990)
- 5) “Morphogenesis e Boca” (recorte)
- 6) Recorte de imagem da performance “Xifópagas Capilares entre nós” (1984)
- 7) Tunga

-

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

Post 04: publicado em 09/10/2020, contendo 07 cards e legenda

https://www.instagram.com/p/CIIN6Q3gIk5/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



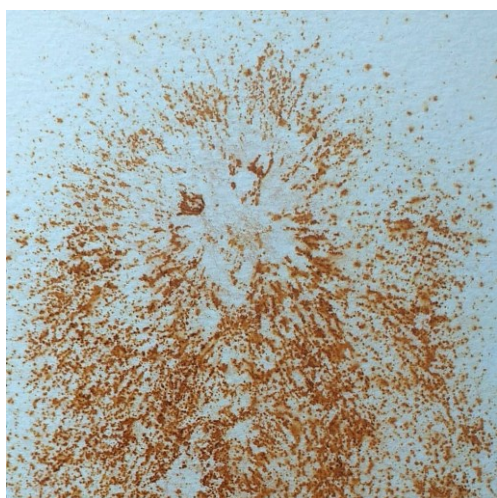
Card 02



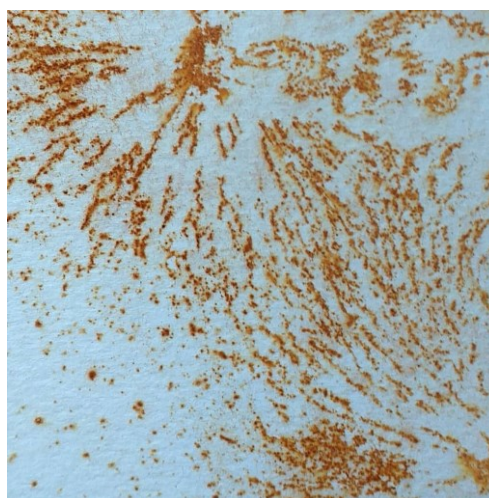
Card 03



Card 04



Card 05



Card 06



Card 07

Legenda do post 04:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

-

Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras de seu acervo. Esta faz parte de um tríptico de Tunga, 01, 1984/86, adquirido em 1986 através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro.

-

Texto Letícia Lopes – @leticia.lopes__ / Texto-escape:

-

um esforço desperto pelo momento de arremesso: o reptiliano cérebro encerrado em uma bolsa amniótica, infinito continuum evolucionário inclinando suave a mente para trás – sentir o palato abrindo-se doce ao forçar o desenho cíclico da cervical, torcer o tubo psicotronicamente, engendrando campos, magnetizando corpos –

-

– magnetic fields a remexer entranhas antigas, antepassados convocados em orgia num frenesi pulsante de cri(st)a(liza)ção – o tempo e o corpo se fundem à beira do abismo da matéria – transfiguração da lógica do sonho – (continua)

-

A partir deste desenho “01” de Tunga, experimentei exercitar e excitar leituras, o que se deu de forma espontânea neste breve “texto-escape”. E para além das coisas que se formam em mim a partir daqui, falo também de coisas de antes, talvez pensadas em inconsciente diálogo de crença e imagem com o mestre: estes desenhos de campos magnéticos que fiz em 2012.

Como armadilhas, as folhas em branco serviam de suporte para a limalha de ferro, que mapeava as linhas desenhadas no espaço pelos ímãs colocados abaixo das folhas. Ao borrifá-las diariamente, eu via a ferrugem se formando, paciente e irreversível, revelando o desenho secreto da energia dos campos.

-

Imagens:

1) Tunga. Fragmento da obra "01", 1984/86. Técnicas diversas, 63.1 x 60.6 (33.1 x 39.5) cm.

Aquisição através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro, MARGS, 1986. Acervo Artístico MARGS

2) Letícia Lopes – Sem título, 2020 (café/cóccix/garganta, enquanto escrevo)

3, 4, 5 e 6) Letícia Lopes – Sem título (2012), ferrugem sobre papel, 29 x 42 cm

Post 05: publicado em 10/12/2020, contendo 10 cards e legenda
https://www.instagram.com/p/ClnxLcTgG05/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



Card 02



Card 03



Card 04



Card 05



Card 06



Card 07



Card 08



Card 9 (frame do vídeo)

Card 10

Legenda do post 05:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

-

Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras de seu acervo. Esta faz parte de um tríptico de Tunga, “01” (1984/86), adquirido pelo Museu em 1986 através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro.

-

Texto – Andressa Cantergiani @andressacantergiani @andressacantergianiart

“Nossos cabelos e dentes permanecem crescendo, vivos e ativos após a nossa morte, Tunga se impressionava com essa história”, me contou Fernando.

-

Esses cabelos vi em sonho. Estávamos lá para pensar/sentir os cabelos na obra de Tunga. Antônio Mourão, filho de Tunga, remonta duas obras do acervo para nos receber: “Xipófagas capilares entre nós” e uma escultura sem título (imagens).

Conosco estava Antônio, antropólogo e idealizador da plataforma infringe @infringemagazine, e Fernando Sant'Anna, artista-assistente de Tunga. Além das instalações, Antônio nos mostrou desenhos inéditos — ao menos até começo de 2019, eram. Estávamos no acervo vivo de Tunga por entre prateleiras, arquivos de dentes, dedos, cristais, gesso, seda, imã, metal, cobre, chumbo, areia, madeira, cerâmica, papel, concreto,

ferro limalhas, besouros, febre, náusea, lista interminável, alquimia única, seres fantásticos, pelos, cabelos, tranças, tríades, metade-bicho- metade- ar.

•

Continuo no desejo de dissecar-te, psicografar-te.

•

Quando visitei o estúdio do Tunga ou Estúdio Agnut, atual Instituto Tunga (@institutotunga), me senti dentro da sua alquimia. A arquitetura do estúdio, construída a partir de uma imensa pedra do morro em Joá, zona sul do Rio de Janeiro, na escala da monumentalidade dos seus trabalhos, me fazia sentir um personagem daquele texto dramático.

•

Ouvir Fernando, braço direito do estúdio por toda a vida, era ouvir Tunga. Esse ser de sensação, de vibração, conexão de universos, materiais, dramaturgias e instaurações. A performatividade está em todos os cantos do instituto, em cada desenho, cada fio de cabelo, a obra se torna ainda mais viva a cada palavra de Fernando e de Antônio. A voz re-performa e torna aquele arquivo de sonhos e materiais instaurados trazendo Tunga pra perto. Tunga renasce a cada mergulho em suas lendas e fica conectado como as siamesas nascidas grudadas pelo cabelo ou como um teratoma que nasce no útero com seus dentes e cabelos.

•

Imagens:

1) Tunga. Fragmento da obra "01", 1984/86. Técnicas diversas, 62.4 x 61.6 (32 x 38.9) cm. Aquisição através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro, MARGS, 1986. Acervo Artístico MARGS

2) Tunga (@institutotunga) – “Serei-a -Mermaid do exist” (1997)

3) Tunga (@institutotunga) – “Escalpe” (1989)

4) Tunga (@institutotunga) – “Lezar” (1989)

5) Andressa Cantergiani – “Psicografando Tunga” (2017, Sparte)

6) Tunga (@institutotunga) – “Xipófagas capilares” (1989)

7) Marina Abramovic & Ulay – “In Relation in Time” (1977)

8) Tunga (@institutotunga) – “Sem título” (2010)

9) Marcia Roth – “Xipófagas capilares entre nós” (2007)

10) Andressa Cantergiani – “Estudos para Psicografando Tunga” (2016)

•

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

•

[#artecontemporanea](#) [#arquipelago](#) [#deltaarquipelago](#) [#tunga](#) [#andressacantergiani](#) [#desenho](#) [#atelier](#) [#proces](#)
[#soscriativos](#) [#artistaisolados](#)

Post 06: publicado em 10/12/2020, contendo 08 cards e legenda
https://www.instagram.com/p/Cloa-xLgYH4/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



Card 02



Card 03



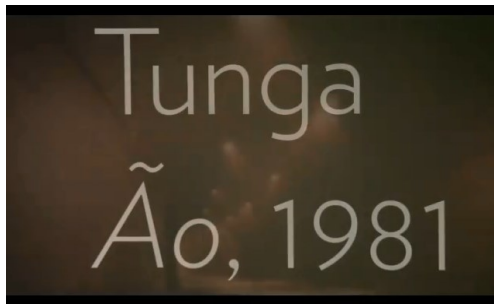
Card 04



Card 05



Card 06



Card 7 (frame do vídeo)

Card 08

Legenda do post 06:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

•

Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras de seu acervo. Esta faz parte de um tríptico de Tunga, 01, 1984/86, adquirido em 1986 através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro.

•

Texto – Ío – @io.art

•

Com frequência, há uma ânsia para que problemas complexos possam ser resolvidos de forma fácil, com uma chave-mestra. Na poética de Tunga, há uma forma-símbolo que ilusoriamente desempenha este papel: o Torus – ilusoriamente, pois sua identidade é de uma máquina do tempo geradora de paradoxos temporais. Mas o que é um Torus?

O Torus (ou Toro) é uma superfície plana cujas bordas opostas são conectadas e que pode ser vista na lógica de jogos de videogame antigos, nos quais um personagem se movimenta por uma tela plana, mas, ao sair pelo lado esquerdo, volta imediatamente pelo direito ou vice-versa, como se estivessem interligados.

Seu formato pode ser descrito como um espaço topológico homeomorfo ao produto de dois círculos, como uma rosquinha ou uma câmara de pneu. Um Torus permite que, ao abrir a porta e adentrar seu quarto, seu próximo passo o conduza à rua e, ao retornar, saia na cozinha. Como se dobrássemos a realidade – como uma lâmina – e tornássemos conectados pontos que, em um universo tridimensional, fossem afastados.

As potencialidades poéticas são promissoras, pois o conceito de Torus nos permite ligar um trabalho plástico, em sua forma, a uma coluna etrusca ou um ictiossauro; a sua narrativa a um filme de horror belga, e seu conceito à teoria de um cientista savant nicaraguense (estas ligações ocorrem indiscriminadamente, sem que pensemos em termos de Torus).

O Torus também consente que lhe entendamos como uma zona de passagem do impossível. O impossível é um vislumbre de Leibniz da mecânica da mente de deus em que cada instante da existência do cosmos o demiurgo sobrepesa todas as suas infinitas variações (universos paralelos hodiernamente) que coexistem em sua reflexão.

O Torus na obra de Tunga é uma forma reproduzida em múltiplas configurações (Ão, Os Bijoux de Madame de Sade, e neste próprio tríptico), mas deve ser entendido como uma dimensão de tempo, um artefato que curva múltiplas realidades que se conectam em fluxo contínuo entre si. A obra do Tunga opera, muitas vezes, como um sonho.

É como se, ao fazermos uma lembrança, não evocássemos o passado, mas sim outros pretéritos possíveis da forma e sua apreensão/significado e, neste processo, nos dessemos conta de que não há um passado edificado atrás de nós, mas múltiplos, que volatizam nosso presente.

•

Imagens:

- 1) 1) Tunga. Fragmento da obra "01", 1984/86. Técnicas diversas, 63.2 x 61.6 (35.5 x 40.9) cm. Aquisição através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro, MARGS, 1986. Acervo Artístico MARGS
- 2) Tunga – “Les bijoux de Madame de Sade” (1983), resina epoxi
- 3) Tunga – “Les bijoux de Madame de Sade” (1983/2011), bronze
- 4) Tunga – “Toro” (1983), ferro
- 5) 5) Tunga – “Toro” (1983), vista da exposição
- 6) Tunga – “Ão” (1981), filme 16mm e instalação de som
- 7) Tunga – “Night & Day” (vídeo sobre a instalação “Ão” – trecho)

•

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

•

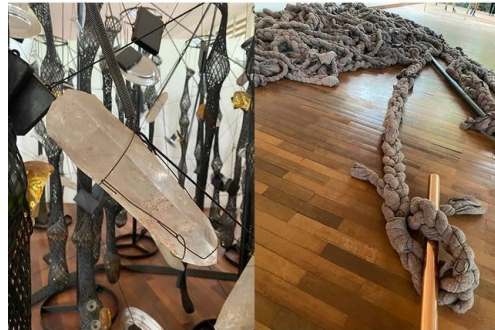
[#artecontemporanea](#) [#arquipelago](#) [#deltaarquipelago](#) [#tunga](#) [#torus](#) [#acervomargs](#)

Post 07: publicado em 11/12/2020, contendo 07 cards e legenda

https://www.instagram.com/p/ClqWJa1AZiz/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



Card 02



Card 03



Card 04



Card 05



Card 06



Card 07

Legenda do post 07:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

-

Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras de seu acervo. Esta faz parte de um tríptico de Tunga, 01, 1984/86, adquirido em 1986 através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro.

•

Texto – Ana Alice – @anaalic333 / Acelerador de partículas

•

Corpos acoplados que se fundem no papel, ou no continuum da obra de Tunga ao pretender encontrar novas maneiras de se relacionar com as formas. Não é à toa que o artista traz como sua musa a cola poética, ou seja, a tal energia de junção que une coisas díspares: materiais inesperados, ideias, objetos e palavras. De tais conexões improváveis, como faziam os surrealistas e mesmo Duchamp, produzem-se esses espaços ativados ou psicoativos (TUNGA, 2012).

No dia 02.02.2020, visitei a Galeria Psicoativa. Tunga “já se referira” a ela como “sendo” uma aceleradora de partículas através do contágio mútuo entre os materiais que ali se encontram com a natureza ao redor, onde o som “Tereza” de Arnaldo Antunes ressoa como um ritornelo que cria um território para uma experiência multissensorial.

Chego nesse ambiente de vidro e madeira no meio de muito verde e me sinto quase vulnerável. Meu corpo tenta lidar com a quantidade de estímulos, os sons são misteriosos, os materiais brutos e elaborados ao mesmo tempo. Tranças de cobre, caveiras gigantescas, cristais acoplados a estruturas maleáveis. Caminho sozinha por ali e já sinto que meu corpo se vincula aos objetos presentes: “arrasa tereza, a brasa acesa, ilesa beleza, a trança é a mesma.”

•

Imagens:

- 1) Tunga. Fragmento da obra "01", 1984/86. Técnicas diversas, 63.1 x 60.6 (33.1 x 39.5) cm. Aquisição através de prêmio no Salão Caminhos do Desenho Brasileiro, MARGS, 1986. Acervo Artístico MARGS
- 2) Tunga - Registros pessoais na Galeria Psicoativa (2020)
- 3) Tunga - Sem título (2014) – 33ª @bienalsaopaulo
- 4) Documentário “Inhotim” (2018) – episódio sobre Tunga
- 5) Ava Rocha – Frame do videoclipe “Pangeia” (2018) – @avarocha
- 6) Livro “Tunga” (2020), org. Por Catherine Lampert

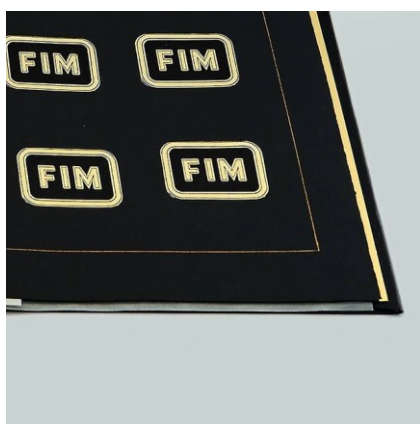
•

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

•

[#artecontemporanea](#) [#arquipelago](#) [#deltaarquipelago](#) [#tunga](#) [#anaalice](#) [#instauração](#) [#desenho](#) [#atelier](#) [#processoscriativos](#) [#artistaisolados](#) [#arnaldoantunes](#) [#acelerador](#) [#psicoativo](#) [#continuum](#)

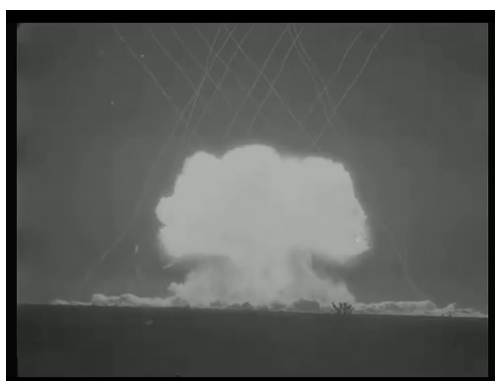
Post 08: publicado em 14/12/2020, contendo 10 cards e legenda
https://www.instagram.com/p/ClylqDWgM1h/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



Card 02 (frame do vídeo)



Card 03 (frame do vídeo)



Card 04 (Frame do vídeo)



Card 05 (frame do vídeo)



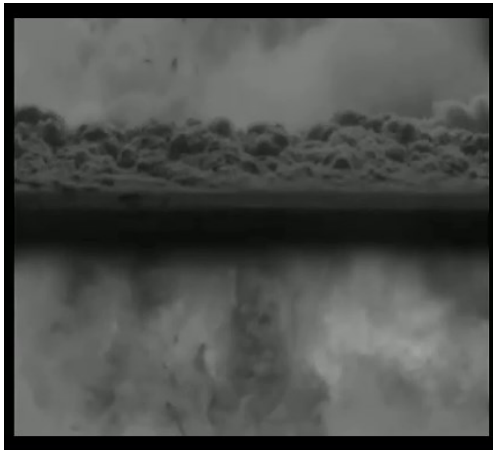
Card 06 (frame do vídeo)



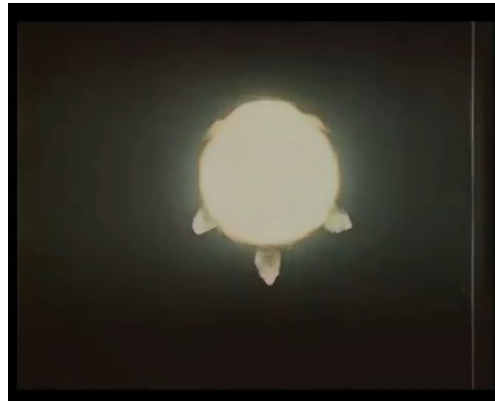
Card 07 (frame do vídeo)



Card 08 (frame do vídeo)



Card 09 (frame do vídeo)



Card 10 (frame do vídeo)

Legenda do post 08:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem ou série. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

•

Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras do acervo do museu. Esta se chama "O colecionador" (1974), do artista Waltercio Caldas.

•

Texto – André Severo (@andresevero):

•

Transitividade, impermanência, infrequência, instabilidade, inconstância, efemeridade, eventualidade: anuição da transitoriedade. Hanna Arendt nos diz em seu "A vida do espírito" que "estar vivo significa viver em um mundo que precede à própria chegada e que sobreviverá à partida. Nesse nível de estar meramente vivo, o aparecer e o desaparecer – à medida que um segue o outro – são os eventos primordiais que, como tais, demarcam o tempo, o intervalo temporal entre a vida e a morte". Diz também que "o finito intervalo vital de cada criatura determina não só sua expectativa de vida, mas também sua experiência do tempo; ele fornece o protótipo secreto de todas as medidas temporais, não importa quanto essas mensurações transcendam o intervalo em direção ao passado ou ao futuro". Pode-se ajuntar a essas afirmações que esse intervalo nada mais é do que o fluxo que comprime e intensifica a vida; a extensão da casualidade onde nos envolvemos com a efemeridade, a fragmentação, a arbitrariedade e a avassaladora mudança caótica que nos é imanente; o contínuo das coisas transitórias e fugidias, onde a percepção vagueante que possuímos de nossos atos e motivos individuais – assim como a instável consciência que temos, de nós mesmos, do ser que somos e do mundo em que atuamos – parecem realmente nos atestar que o estar neste mundo não é mais do que mera passagem; que a existência que tanto anelamos por entender não é senão um intervalo fortuito entre estarmos vivos e estarmos mortos.

Ainda assim, há uma aspiração existencial na alma humana, a de que só importa aquilo que tomamos por essencial – qualquer que seja sua origem e sejam quais forem seus fins – e parece ser justamente essa aspiração que confunde nossas acepções dos enunciados temporais, fazendo com que o anelo da permanência se sobreponha à aceitação da transitoriedade. Não há dúvida de que é, para nós, forte a tentação de focalizarmos atenção apenas no conato da permanência e nos problemas concretos da realidade objetiva; porém, isso significaria esquecer que além do universo imediato dos interesses que demonstramos, existe o mundo dos rejeitos, da matéria morta, dos corpos, das coisas que se transformam seguindo um ritmo que não pode ser precisamente determinado – ao menos por nossa natureza de seres racionais que buscamos constantemente um significado, um objetivo ou uma motivação consciente para cada ato. Talvez por isso, ainda que em meio às mudanças e modificações aspiremos à grandeza, à perfeição, à plenitude e à eternidade, quando nos descobrimos finitos, quando tomamos conhecimento da situação concreta para a qual nos encaminhamos, invade-nos um profundo sentimento de perda; ou seja, mesmo quando buscamos

encontrar a solidez e fugir de uma realidade fascinada pelas promessas de imaterialidade, essa mesma realidade parece se encarregar de nos demonstrar que aos impulsos de eternidade e continuidade também correspondem apropriadas e convenientes interrupções. Considerando-se que os bens efêmeros, de fato, nunca irão aquietar nossa aspiração de plenitude subsistencial, o que parece nos restar como conclusão, além daquela sentença de Octávio Paz que sempre encontro ocasião para copiar (“andamos sem direção fixa, mas com um fim (qual?) e para chegar ao fim. Busca do fim, terror diante do fim: o verso e o reverso do mesmo ato”), é que mesmo que nosso espírito anele pela permanência e tenha a eternidade como modelo arquétipo da temporalidade, parece ser somente no ideário da transitoriedade que podemos sincronizar a variabilidade de nosso tempo individual, com a eventualidade das coisas que nos cercam.

-

Imagens:

1) Waltércio Caldas, "O colecionador" (1974), detalhe. Livro de artista, 46.5 x 32.5 x 0.2 cm. Aquisição por doação de Gilberto Chateaubriand Bandeira de Mello, 2000. Acervo Artístico MARGS

2-10) André Severo, "Ensaio para o fim" (2020).

-

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

-

Siga @arquipelago_2020.

#arquipelago #margs #andresevero

Post 09: publicado em 15/12/2020, contendo 07 cards e legenda

https://www.instagram.com/p/Ci0rMF3AV6Y/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



Card 02



Card 03



Card 04



Card 05



Card 06



Card 07

Legenda do post 09:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem ou série. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

•

Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras do acervo do Museu. Esta se chama "O colecionador" (1974), do artista Waltercio Caldas.

- A história da arte e sua coleção de escatologias – Guilherme Mautone (@guimautone):

Pelo menos desde Hegel, no início do século XIX, é que o problema escatológico ronda o secular território das artes. Um 'fim da arte' foi ali decretado e se inaugura nos debates filosóficos sobre o artístico. Mas de que modo? Em quais termos? E, sobretudo, por qual razão? Na avaliação do filósofo alemão, em sua peculiaríssima história da arte, o pensamento e a reflexão como que 'abrem suas asas e ousam voar para além' das 'belas artes' no período romântico; suspendendo, ou ultrapassando, as contingências materiais e, portanto, sensíveis que antes ainda garantiam ao artístico um lugar seguro de produção, recepção e discussão. Em certo sentido, esse interessante prognóstico da estética hegeliana adianta em muitos anos aquela reflexão que se tornará crucial para a compreensão do destino das artes visuais na passagem do moderno ao contemporâneo e que, nas palavras de Danto, exigirá de nós o reconhecimento de que tudo 'pode ser' arte, embora nem tudo 'seja' arte. Incontornável, pontuou o filósofo estadunidense, é compreender que com o abandono progressivo dos suportes clássicos - seus materiais paradigmáticos - também se fazia preciso abandonar a ideia de que a arte se define necessariamente a partir deles e, derivadamente, a partir da experiência específica que eles proporcionam. Quando disse, no famoso artigo de 1964, depois da visita à Stable Gallery abarrotada de caixas de Brillo empilhadas, que a arte agora exigia algo que o olho não mais poderia distinguir ou discernir, ele simplesmente procurou deslocar o plano de imanência do objeto artístico para as muitas práticas que o sustentavam. Daí a formulação iconoclasta do seu conceito de 'mundo da arte' em 1964.

Ele não foi mais que um reposicionamento do problema da definição de arte no âmbito de uma ontologia social, abrindo mão das antigas ontologias da arte ainda centradas no objeto artístico. Nada mais natural, portanto, se levarmos em consideração o próprio processo de desmaterialização dos suportes tradicionais sugerido por Lippard (1971) que já se consolidava desde antes de Warhol. Seguem, portanto, o trabalho precursor de Danto outros tantos como, por exemplo, os de George Dickie (1997), Howard Becker (1982), Pierre Bourdieu (1981 / 1992) e, mais recentemente, Shapiro e Heinich (2007 / 2012) com sua descrição dos processos de 'artificação'. Por outro lado, o trabalho de Belting (2012) também pode ser compreendido num espírito semelhante. Nesse sentido, o problema do 'fim da arte' aparece recolocado e o que sugeria o definimento da arte em seu ocaso ocidental, passará a indicar, então, mudança, transformação, micro-historicidade e presença de narratividades, conforme indicaram Carroll (2001) e Ginzburg (1999); mas não o fim das narrativas grandiosas ou totais, conforme Lyotard (1984). Fazer, como Waltércio Caldas, uma coleção de fins poderá muito bem ter a ver com um gesto de refinada ironia em relação aos diagnósticos escatológicos sobre as artes em seu desenrolar histórico, tematizando a própria pretensão teórica em interpretar a radicalidade de uma transformação como o encerramento de uma atividade milenar.

O livro de artista, suporte contemporâneo que problematiza a artefactualidade paradigmática, apresenta suas inflexões conceituais, densificando aquilo que a arte contemporânea explicita de modo radical: o fato de que a arte pode propor ideias, reflexões e de que poderá pensar por si mesma. E o mesmo argumento com o qual Steinberg (1972) desbanca a mania de Greenberg (1944) com a autorreferencialidade como o traço distintivo da modernidade artística em suas teorias sobre a pintura não-figurativa, ao indicar que a autorreferência sempre esteve mais ou menos presente na história da arte pictórica, aplica-se, mutatis mutandis, para a compreensão do livro como suporte artístico 'exclusivamente' contemporâneo: pensem, por exemplo, nas iluminuras medievais ou nos livros de gravura japoneses. O livro, antes de ser meio de registro, difusão e transmissão, é sobretudo lugar de incorporação do pensamento. E, ao ser lido, inaugura um espaço de prática da intersubjetividade. Quando Lucas Dupin 'monumentaliza' os livros em sua biblioteca de concreto e aço, aponta não apenas para o aspecto 'enciclopédico' do livro e das bibliotecas que o colecionam, mas exhibe o que realmente importa no livro: que ele é, do início ao fim, espaço de encontro, oportunidade de mudança e de exercício de pensamento. Ou seja, indica-nos seu valor relativo ao que costumeiramente designamos por humanidade. Quem buscar nos livros apenas um 'meio' e não um 'fim em si mesmo', como também nos lembra Waltércio Caldas, estará fadado ao ciclo alienante dos vermes de Machado de Assis, sempre limitados a roer o roído.

Imagens:

1) Waltercio Caldas, "O colecionador" (1974), detalhe. Livro de artista, 46.5 x 32.5 x 0.2 cm. Aquisição por doação de Gilberto Chateaubriand Bandeira de Mello, 2000. Acervo Artístico MARGS.

2) Andy Warhol, Brillo Box (Soap Pads), 1964, exposição na Stable Gallery (NY), fotografia de Billy Name.

3 - 5) Lucas Dupin (@lucas.dupin), Sem título, 2020, Praça Adolpho Bloch (SP), Projeto Circular Arte na Praça (@circularartenapraça) e Galeria Lume (@galerialume), curadoria de Marc Pottier (@marcpottierart).

6) Vera Chaves Barcellos, FVCB (@fvcb_), Exemplar do livro The Art of Henry Moore, de Will Graham, de 1960, Editora Thames & Hudson, comido por cupins, 2017.

•

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

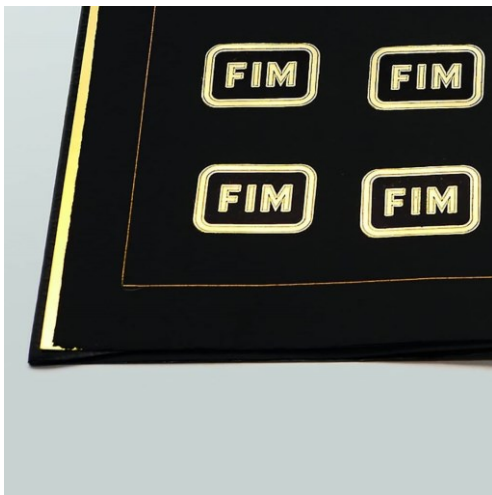
•

Siga @arquipelago_2020.

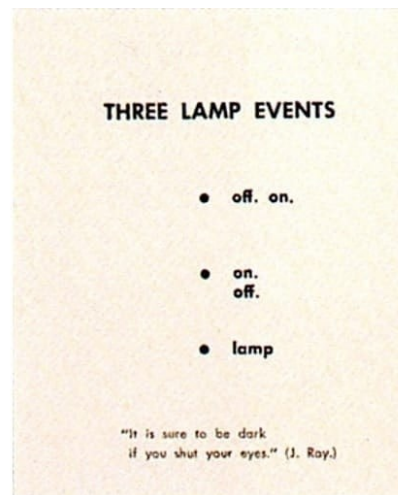
#arquipelago #margs #walterciocaldas #livrodeartista #artecontemporânea #warhol #lucasdupin #verachavesbarcellos #danto #hegel #fimdaarte #mundodaarte #guilhermemautone #atlasarquipelago

Post 10: publicado em 16/12/2020, contendo 10 cards e legenda

https://www.instagram.com/p/C13NsC8Af_r/?utm_source=ig_web_copy_link



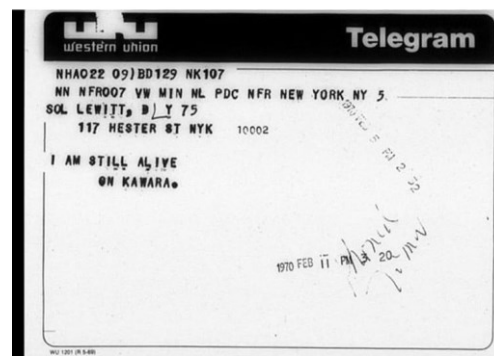
Card 01



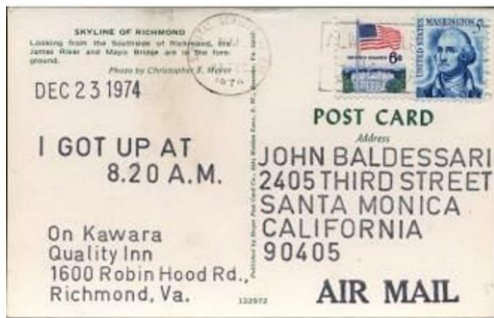
Card 02



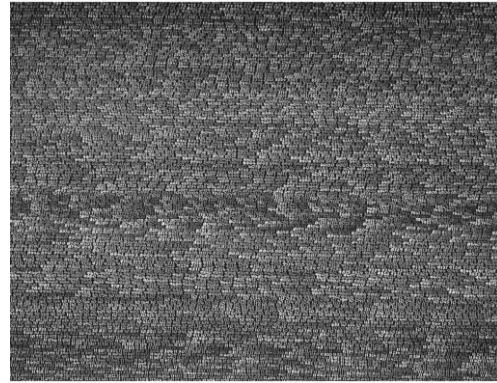
Card 03



Card 04



Card 05



Card 06



Card 07



Card 08



Card 09



Card 10

Legenda do post 10:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem ou série. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

-

Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras do acervo do museu. Esta se chama "O colecionador" (1974), do artista Waltercio Caldas.

•

Texto – Eduardo Veras (@eduardoveras):

•

De algum jeito, somos todos reféns da sequência dos dias. Simbólica ou materialmente, assinalamos nas paredes a jornada que se vai (um traço vertical, uma diagonal que o intercepta), na esperança de alcançar o quanto antes a liberdade, o fim da quarentena, a chegada das férias, a conclusão de um mandato. Bem mais raro é o exercício do memento mori: contar os dias, organizar uma sequência, ritualizar os pequenos gestos, na ilusão de postergar o dia derradeiro. Alguns, em nosso nome, assumem o sacrifício.

•

Imagens:

1) Waltercio Caldas, "O colecionador" (1974), detalhe. Livro de artista, 46.5 x 32.5 x 0.2 cm. Aquisição por doação de Gilberto Chateaubriand Bandeira de Mello, 2000. Acervo Artístico MARGS.

2) George Brecht, Três eventos da lâmpada, fluxus score, 1962.

3) On Kawara, Today series, liquitex sobre tela, desde 1966 (interrompida com a morte do artista, em 2014).

4) On Kawara, Ainda estou vivo, telegramas diários aos amigos, entre 1968 e 1979.

5) On Kawara, Hoje levantei às..., telegramas diários aos amigos, desde 1973.

6) Roman Opalka, 1965/1 - ao infinito, contagem de números sobre tela, desde 1965 (interrompida pela morte do artista, em 2011).

7) Opalka (detalhe).

8) Opalka, autorretrato diário (sequência selecionada).

9) Jenny Holzer, Tarde demais, caminhões com led, 2018.

•

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

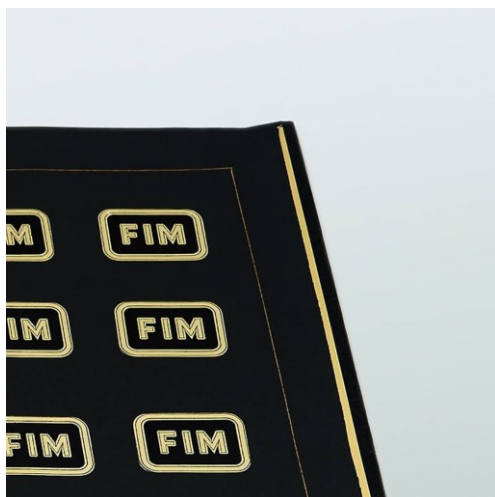
•

Siga @arquipelago_2020.

#arquipelago #margs #walterciocaldas #georgebrecht #onkawara #romanopalka #jennyholzer #artecontemporanea #artebrasileira #atlasarquipelago #eduardoveras

Post 11: publicado em 17/12/2020, contendo 08 cards e legenda

https://www.instagram.com/p/Cl6BumcgYTZ/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



Card 02



Cota zero [Alguma poesia]
Carlos Drummond de Andrade

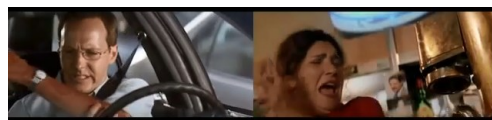
Stop.
A vida parou
ou foi o automóvel?

Card 03



Card 05 (frame do vídeo)

Card 04



Card 06 (frame do vídeo)



Card 07 (frame do vídeo)



Card 08

Legenda do post 11:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem ou série. Confira o conteúdo completo → [@arquipelago 2020](https://arquipelago2020.com.br/).

•

Nesta edição, nos unimos ao MARGS ([@museumargs](https://museumargs.com.br/)) para exercitar o olhar a partir de obras do acervo do museu. Esta se chama "O colecionador" (1974), do artista Waltercio Caldas.

•

Texto – Juliana Proença ([@jproenco](https://jproenco.com.br/)):

•

E se a coleção de “fins” de Waltercio Caldas fosse um jogo de completar lacunas? O fim da pintura, o fim da arte, o fim da história, o fim da história da arte, o fim da modernidade, o fim da corrupção no Brasil, o fim da pandemia, o fim do mundo...

•

Versões não faltam para tantos fins. Mas curioso mesmo é notar que todas essas coisas, ditas encerradas, continuam: terminaram sem acabar. Existem, pois, perigos em se declarar “fins”: depois de algum tempo, eles passam a soar superficiais. Meras insígnias, bandeirolas douradas de fim, organizadas e colecionadas em um rol de conquistas duvidosas. Corre-se o risco de encarar com certo ceticismo a própria noção de “fim” – seja

para o bem (1), seja para o mal (2).

•

(1) Para o bem, a sensação de impermanência, de que certos fins não são definitivos, pode ser germe de esperança; ampliar, na imaginação, os futuros possíveis. Encaixam-se aqui os versos de Gilberto Gil, na música "O fim da história" (1992): "Não creio que o tempo / Venha comprovar / Nem negar que a história / Possa se acabar / Basta ver que um povo / Derruba um czar / Derruba de novo / Quem pôs no lugar / [...] Sempre o pirão de farinha da história / E a farinha e o moinho do tempo que mói".

•

(2) Para o mal, a desconfiança do fim transforma-se, às vezes, em petulância, em crença na (nossa) eternidade. Nessa versão, a noção de "fim" encurta, em vez de alargar, as possibilidades de futuro. Ailton Krenak traduz bem o que tento dizer: "Eu não sou eterno e não quero me eternizar. A ciência e a tecnologia acham que a humanidade não só pode incidir impunemente sobre o planeta como será a última espécie sobrevivente e a única a decolar daqui quando tudo for pelo ralo".

•

Urge perceber, na esteira de Krenak, que o fim da "humanidade" e o fim "do mundo" ocupam plaquinhas diversas no rol de fins anunciados, previstos. Embora se afetem, eles são independentes. Quem terminará, seguindo o curso atual, somos nós. O mundo, em suas tantas formas de vida, seguirá. Não sabemos onde, não sabemos quando.

•

Imagens:

1) Waltercio Caldas, "O colecionador" (1974), detalhe. Livro de artista, 46.5 x 32.5 x 0.2 cm. Aquisição por doação de Gilberto Chateaubriand Bandeira de Mello, 2000. Acervo Artístico MARGS.

2-3) Randolpho Lamonier (@randolpholamonier), série "Profecias" (2018).

4) Carlos Drummond de Andrade, "Cota zero" (1930).

5) Romy Pocztařuk (@romypocz), "Antes do azul" (2019), trecho.

6) Amanda Teixeira (@amndtx), "tudo está cuidadosamente envolto em pó" (2019), trecho.

7) Trecho das cenas finais de "Dr. Strangelove" (Stanley Kubrick, 1964).

•

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

•

Siga @arquipelago_2020.

#arquipelago #atlasarquipelago #margs #walterciocaldas #artecontemporanea #artebrasileira

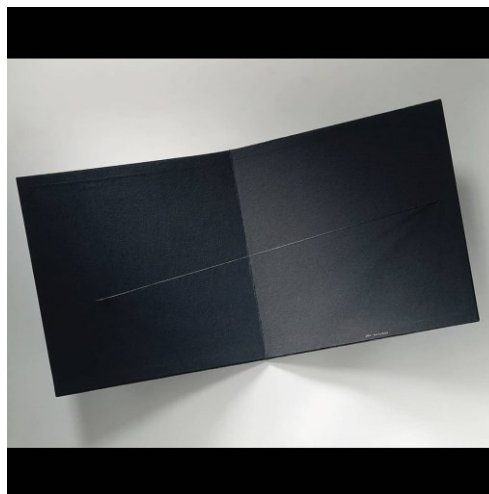
#carlosdrummonddeandrade #romypocztařuk #amandateixeira #drstrangelove #stanleykubrick

#julianaproenço

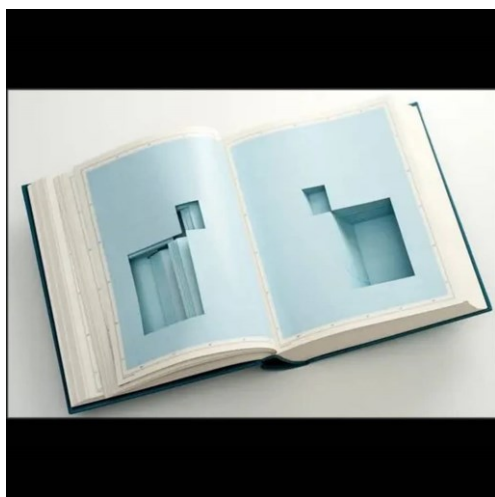
Post 12: publicado em 18/12/2020, contendo 10 cards e legenda
https://www.instagram.com/p/Cl8aXiAAkt/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



Card 02



Card 03



Card 04



Card 05



Card 06



Card 07



Card 08



Card 09



Card 10

Legenda do post 12:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem ou série. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

- Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras do acervo do museu. Esta se chama "O colecionador" (1974), do artista Waltercio Caldas.

Texto – Paulo H. Lange (@pauloh.lange):

- É uma coisa que a gente pode querer folhear. A amplitude das folhas. O papel preto traz em cada página a repetição de uma estampa dourada com a palavra “fim”, estilizada como num selo, brasão ou logotipo, 15 desses. Começo por aí, Waltercio. O que pode dar-se tanto por acabado? Tanto fim sem sinal de meio nem começo, uma proeza. Aí você o batiza de colecionador. Eu que coleciono coisas à toa, quando tenho 2 não me faltam 3. Que tipo de objeto são estas impressões, e quem se obstina pelos fins que ainda não tem?
- Livros, espelhos e relógios: uma família de contempladores. Sim, aqui entendo o “abismo pra frente” a que te referiu noutra momento do vídeo. O significado derrama pra dentro de quem visualiza. Mas olha, Wal, eu admito que normalmente não sei que tipo de conversa trazes à mesa. Talvez por não conseguir alcançar Eros através do fim, ou por minha insistência de procurar Psique onde quer que seja... Mas eu e meus malditos critérios, não é, Wal? Não sei que tipo de conversa estamos tendo agora, enfim.

Isso me lembra de outros colecionadores de fins infinitos: Jorge Macchi em Time Machine e Ed Ruscha em diversos desenhos. Tomam um lastro cinematográfico, de final da simulação. Hora de voltar de voltar pra essa nossa vida, darling. Mas, como você, me parecem captar paradoxos que vivem dentro do fim: Macchi, ao transmitir um instante que não se acaba, e Ruscha por reincidência constante. E sei bem que não estás aqui para historinhas. Teus indisputáveis fins são muito eficazes. E numa elegância, rapaz, disso eu tenho alguma visão. O fim deve satisfazer. Imagino que possuir muitos fins é um fetiche que exige dedicação. E deve recompensar com justo brilho. Austero, mas sacramental.

Depois de acabar, o fim não deve deixar sombra de dúvidas. Os poucos fins que acumulo nos cadernos são eles mesmos meros esboços, tenho pouca pretensão de imputar-lhes qualquer validade prática. Veja que meus meios costumam ocupar mais a minha cabeça, Wal.

•

Imagens:

- 1) Waltercio Caldas, "O colecionador" (1974), detalhe. Livro de artista, 46.5 x 32.5 x 0.2 cm. Aquisição por doação de Gilberto Chateaubriand Bandeira de Mello, 2000. Acervo Artístico MARGS.
- 2) Waltercio Caldas, "Vôo Noturno", 1967 (site do artista).
- 3) Waltercio Caldas, "Momento de Fronteira", 1999 (site do artista).
- 4) Waltercio Caldas, "Como Imprimir Sombras", 2012 (site do artista).
- 5) Print de Vídeo-entrevista disponível no verbete do artista no site da Enciclopédia Itaú Cultural.
- 6) Jorge Macchi - "Time Machine", 2005. Instalação. Mesa com 5 televisores transmitindo em loop o momento em que o letreiro de "The End" aparece em 5 filmes diferentes (site do artista).
- 7) Jorge Macchi - "Time Machine", Print de um dos vídeos da instalação (site do artista).
- 8) Jorge Macchi - "Time Machine", Print de um dos vídeos da instalação (site do artista).
- 9) Ed Ruscha - montagem digital encontrada no google imagens com diversos trabalhos da série "The End", desenvolvida desde 1981, diversos materiais e suportes.

•

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

•

Siga @arquipelago_2020.

#arquipelago #margs #walterciocaldas #jorgemacchi #edruscha #livrodeartista #arteconceitual #desenho

Post 13: publicado em 18/12/2020, contendo 02 cards e legenda

https://www.instagram.com/p/C19DU5SgXLS/?utm_source=ig_web_copy_link



Card 01



Card 02

Legenda do post 13:

Delta – Exercício no qual artistas e pesquisador_s desenvolvem reflexões partindo de uma mesma imagem ou série. Confira o conteúdo completo → @arquipelago_2020.

-

Nesta edição, nos unimos ao MARGS (@museumargs) para exercitar o olhar a partir de obras do acervo do museu. Esta se chama "O colecionador" (1974), do artista Waltercio Caldas

-

O sentido do fim – Luísa Kiefer (@luisakiefer):

-

A obra de Waltercio Caldas me levou de volta a uma das leituras mais marcantes que fiz durante o período de pesquisa do meu doutorado. O livro "The Sense of an Ending", do crítico literário britânico Frank Kermode, foi um daqueles achados que acontecem quase sem querer e que conectam muitos pontos do pensamento.

Apesar de escrito em 1965, em um contexto bastante diverso do presente, suas reflexões caem como uma luva para pensar a contemporaneidade – tão marcada pela criação de fatos e narrativas ficcionais. Ao longo da obra, Kermode argumenta que nós, humanos, precisamos da noção de fim para suportar esse meio que é a vida. "Nós desejamos os fins e as crises", escreve. O lugar da ficção – e, acrescento eu, o da arte –, para ele, é justamente esse lugar do "entre", onde o cotidiano transcorre, onde agimos, produzimos e inventamos sentidos à travessia. Assim como Waltercio, o autor nos brinda com uma coleção de fins para comprovar a sua tese, a começar pelo Apocalipse, passando por diversos clássicos da literatura.

Em tempos em que convivemos com a notícia da morte de maneira constante, quando mais de 169 mil vidas já foram perdidas apenas no Brasil, tememos – e de certa forma vivemos metaforicamente – o nosso próprio fim o tempo todo. As últimas décadas também foram marcadas por diversos fins históricos, como a queda do Muro de Berlim, o 11 de Setembro, o Brexit e a eleição de Donald Trump – conforme pontuam Néstor García Canclini, Bruno Latour, entre outros. Diante da pandemia de Covid-19 estamos, muito provavelmente, perante mais um deles.

"Não se espera dos críticos, como se espera dos poetas, que eles nos ajudem a encontrar o sentido de nossas vidas; eles estão fadados apenas a tentar a façanha menor de dar sentido às maneiras como tentamos dar sentido às nossas vidas." (KERMODE, 2000, p. 3)

"Os homens investem consideravelmente em padrões coerentes que, ao fornecer um fim, tornam possível uma convivência satisfatória com as origens e com o meio." KERMODE (KERMODE, 2000, p. 17)

"Os momentos que chamamos de crise são fins e começos." (KERMODE, 2000, p. 96)

"E é claro que nós sentimos isso agora, a sensação de um final. Ela não diminui e é tão endêmica daquilo que chamamos de modernismo quanto a utopia apocalíptica é da revolução política." (KERMODE, 2000, p. 98)

KERMODE, Frank. *The Sense of an Ending: Studies in the Theory of Fiction with a New Epilogue*. New York: Oxford University Press, 2000.

-

Imagem: Waltercio Caldas, "O colecionador" (1974), detalhe. Livro de artista, 46.5 x 32.5 x 0.2 cm. Aquisição por doação de Gilberto Chateaubriand Bandeira de Mello, 2000. Acervo Artístico MARGS.

-

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisador_s das artes ilhad_s, dispost_s a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam.

-

Siga @arquipelago_2020.

#arquipelago #margs #walterciocaldas #artecontemporanea #artebrasileira

M | **A** | R G S

Release

Release

MARGS traz reflexões sobre obras de Tunga e Waltercio Caldas em parceria com coletivo de artistas e pesquisadores

Desenvolvida pelo Arquipélago, ação será apresentada em duas etapas no Instagram e Facebook do Museu, trazendo a público análises escritas e visuais sobre obras do Acervo Artístico da instituição

De 07 a 12.12.2020, serão compartilhadas reflexões a partir do tríptico de desenhos “01”, do artista Tunga. E de 14 a 19.12.2020, sobre “O colecionador”, livro de artista de Waltercio Caldas

Fechado ao público para reformas e melhorias, o **Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)** intensifica suas ações nas redes sociais e apresenta ao público um programa especial de reflexões sobre obras que integram o Acervo Artístico do Museu. Dois grandes nomes da arte contemporânea no Brasil terão seus trabalhos analisados: **Tunga (1952-2016)** e **Waltercio Caldas (1946)**.

Os exercícios crítico-visuais começam a ser compartilhados a partir desta **segunda-feira, 07.12.2020**, e se estendem **até o dia 19.12.2020**, no **Instagram** e no **Facebook** do **MARGS**. Serão duas edições de parceria do Museu com o **Arquipélago** – coletivo de artistas e pesquisadores que difunde por meios digitais conteúdos relacionados à arte contemporânea e à produção artística.

Por meio do projeto **Delta**, participantes do Arquipélago desenvolvem **análises escritas e/ou visuais** a partir de obras integrantes de acervos ou de exposições de instituições artísticas de Porto Alegre e região. No caso do MARGS, foram selecionadas as seguintes obras de seu Acervo Artístico: “01” (1984-86), tríptico de desenhos de Tunga, e “O colecionador” (1974), livro de artista de Waltercio Caldas.

Na primeira semana de programa, de 07 a 12.12.2020, o exercício crítico-visual será voltado à obra “01”, de Tunga, adquirida em 1986 pelo Museu através de prêmio no “Salão Caminhos do Desenho Brasileiro”. O trabalho é emblemático por evocar diversos signos recorrentes e que se transubstanciam no universo poético de Tunga: o tacape, potencializado pelo magnetismo; os corpos duplicados, em uma estranha unidade; e o Torus, exótica figura topográfica que o artista elege como seu labirinto e que permite pensar em diferentes conexões entre tempo e espaço.

Os textos e as referências visuais com múltiplos caminhos possíveis para pensar essa obra de Tunga serão apresentados pelos artistas e pesquisadores do Arquipélago: Ana Alice, Andressa Cantergiani, Daniele Barbosa, Ío (duo formado por Laura Cattani e Munir Klamt), Letícia Lopes e Marcelo Gobatto.

M | A | R G S

A segunda edição do programa, de 14 a 19.12.2020, compartilhará reflexões impulsionadas pelo livro de artista "O colecionador" (1974), de Waltercio Caldas – obra doada ao MARGS no ano de 2000 pelo empresário e colecionador Gilberto Chateaubriand Bandeira de Mello (1925). A partir da coleção de “fins” proposta no livro de Waltercio Caldas, as análises desdobrarão, tanto crítica quanto poeticamente, questões relevantes da atualidade, em seus frequentes encerramentos e recomeços.

Os conteúdos sobre esse trabalho de Waltercio Caldas serão apresentados pelos artistas e pesquisadores que integram o coletivo Arquipélago: André Severo, Eduardo Veras, Guilherme Mautone, Juliana Proença, Luísa Kiefer e Paulo H. Lange.

SOBRE ARQUIPÉLAGO

Arquipélago é um movimento coletivo de artistas e pesquisadores/as das artes ilhados/as, dispostos/as a compartilhar processos e potências criativas, como forma de reexistência e conexão em meio ao isolamento e às diversas crises que o permeiam. Criado em março de 2020, por Juliana Proença, Laura Cattani e Munir Klamt, a partir da ideia de Frantz, o perfil difunde diariamente conteúdos relacionados à arte contemporânea e à produção artística.

[instagram.com/arquipelago_2020](https://www.instagram.com/arquipelago_2020)

SOBRE DELTA

Um dos projetos desenvolvidos no Arquipélago chama-se "Delta". Nele, participantes do perfil desenvolvem análises escritas e/ou visuais a partir de obras integrantes de acervos ou de exposições de instituições artísticas de Porto Alegre e região; já se realizaram duas edições em parceria com a Fundação Vera Chaves Barcellos, em Viamão. Sempre há mais um/a de “comentador/a” para uma mesma obra, buscando-se, com a iniciativa, desvelar os múltiplos caminhos, referências e ideias que podem surgir a partir de um trabalho artístico. Os resultados são postados fragmentando-se a imagem da obra no feed do Instagram, em uma espécie de mosaico – os/as espectadores/as são convidados/as a reconstruí-la, conferindo as diversas propostas críticas apresentadas.

M | A | R G S

Programa – Obra “01”, de Tunga

07.12: Por Andressa Cantergiani

08.12: Por Marcelo Gobatto

09.12: Por Ío (duo formado pelos artistas e pesquisadores Laura Cattani e Munir Klamt)

10.12: Por Daniele Barbosa

11.12: Por Ana Alice

12.12: Por Letícia Lopes

Programa – Obra “O colecionador”, de Waltercio Caldas

14.12: Por André Severo

15.12: Por Guilherme Mautone

16.12: Por Eduardo Veras

17.12: Por Juliana Proença

18.12: Por Paulo Lange

19.12: Por Luísa Kiefer

SERVIÇO

PARCERIA MARGS-ARQUIPÉLAGO

A partir de obras de Tunga e Waltercio Caldas que integram o Acervo Artístico do MARGS

De 07 e 19.12.2020, nas redes sociais do MARGS

Instagram: [instagram.com/museumargs](https://www.instagram.com/museumargs)

Facebook: [facebook.com/museumargs](https://www.facebook.com/museumargs)

M | A | R G S

Contato imprensa:

Núcleo de Comunicação e Design do MARGS

comunicacao@margs.rs.gov.br | margsmuseu@gmail.com

MARGS EM CASA

www.facebook.com/museumargs

www.instagram.com/museumargs

<http://www.margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/>

<https://issuu.com/margsmuseu>

<https://www.youtube.com/channel/UCyH6IDVOn8CZefMW4JIY46w/videos>

MARGS | MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

Patrocínio

BRDE

Sulgás

Vero Banrisul

Apoio

AAMARGS - Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Café do MARGS

Banca do livro

Bistrô do MARGS

Arteplantas

Celulose Riograndense

Tintas Killing

iSend

Realização

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria de Estado da Cultura do RS

MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul

M | A | R G S

MARGS

Praça da Alfândega, s/nº

Centro Histórico, Porto Alegre, RS

90010-150

Visitação de terça a domingo, 10h às 17h, entrada gratuita

Telefone: (51) 3227-2311

Site: www.margs.rs.gov.br

Facebook: <https://www.facebook.com/museumargs>

Instagram: www.instagram.com/museumargs

M | A | R G S

Clipagem

BATE-PAPO COM VITOR RAMIL

A última live da série de conversas com o cantor e compositor Vitor Ramil, realizada pela PUCRS Cultura, ocorre hoje, às 21h. A iniciativa traz a proposta de lembrar os 40 anos do artista dedicados à música. O bate-papo terá como foco os discos e as criações de Vitor a partir do ano 2010. Mediado pelo diretor do Instituto de Cultura da universidade, o professor Ricardo Barberena, o encontro será transmitido pela página da PUCRS Cultura no Facebook e pelo Canal da PUCRS no Youtube. A atividade fica salva e disponível para acesso posterior do público que não puder acompanhar o encontro ao vivo.



ISADORA NEUMANN, ED. 11/05/2018

REFLEXÕES SOBRE OBRAS DE ARTE

Em parceria com o coletivo de artistas e pesquisadores Arquipélago, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs) propõe, por meio de atividades online, reflexões sobre seu acervo artístico. Os exercícios crítico-visuais começariam ontem, e a programação vai até 19 de dezembro. As atividades podem ser acompanhadas pelo Instagram e pelo Facebook do Margs. Até o dia 12, será analisada a obra *01*, tríptico de desenhos de Tunga (1952-2016). Na próxima edição, que começa dia 14, será *O Colecionador*, livro de artista de Waltercio Caldas.



Carlos Gerbase

gerbase@pranafilmes.com.br

Amar a política

Eu amo votar. Eu amo a política. Tive a sorte de conhecer e admirar muitas pessoas que fazem política partidária com idealismo, competência e honestidade. Nem sempre concordei 100% com elas. Algumas vezes suas palavras e ações me pareceram equivocadas e, eventualmente, me decepcionaram. Mas debater com liberdade o que é melhor para a sociedade e depois escolher um caminho, mesmo que temporário, acreditando no bom senso da maioria, sem desprezar as minorias, é o mais precioso legado da Grécia para a civilização. E olha que a Grécia também nos ofereceu muitas coisas admiráveis!

Por isso, fiquei muito triste quando não pude votar pela primeira vez, em 1978. Eu tinha 19 anos e servia ao Exército. Recruta não era gente. Normal para a época. Desde então, tendo recuperado minha cidadania plena, votei com alegria e, às vezes, até fiz mais do que isso, me envolvendo com o debate de forma mais direta e profissional. Sempre tive a sensação de contribuir para um processo que, mesmo com falhas e eventuais distorções, é o que temos de melhor para determinar os rumos da cidade, do Estado e do país. É muito melhor estar na ágora do que no quartel. É muito melhor estar em Atenas do que em Esparta.

Por isso, acho lamentável a tentativa de atacar indiscriminadamente as

pessoas que fazem política ou demonizar sistematicamente os oponentes num debate eleitoral. Quais são as alternativas à democracia para resolver um conflito de opiniões? A barbárie, que era a situação antes da polis ser criada, ou o fascismo, que, em suas várias roupagens, é sempre uma tentativa de submeter a polis aos interesses de um grupo poderoso e corrupto por natureza. A ideia de eliminar a política para “combater a corrupção” ou usar a força para implantar um regime “mais justo” (sabe-se lá para quem) são bobagens enormes, conforme a História já nos mostrou tantas vezes.

Perder ou ganhar uma eleição é do jogo e envolve emoções. É difícil, para quem perde, reconhecer que o vencedor não é, necessariamente, o melhor candidato, e sim o que parece ser o melhor, no dia da eleição, para a maioria dos votantes. Culpar a política, as pessoas que fazem política partidária e até os eleitores (que “não sabem votar” ou “foram iludidos”) pelas escolhas da democracia é um

GZH
Leia outras
colunas em
gauhazh.com/
[carlosgerbase](http://carlosgerbase.com)

erro compreensível, mas continua sendo um erro. Aprimorar o processo, punir crimes eleitorais, qualificar o debate e educar para a plena cidadania é a única maneira de seguir em frente com a cabeça erguida e alguma fé no futuro. Quem vive na polis – não tem outro jeito – precisa amar a política.

Quadrinhos

Tapejara - O Último Guasca Louzada



Niquel Náusea Fernando Gonsales



Hagar Chris Browne



Stripitiras Laerte



Turma da Mônica Mauricio de Sousa



Armandinho Alexandre Beck



Arte & Agenda

Editor: **Luiz Gonzaga Lopes** | lgferreira@correiodopovo.com.br Editores assistentes: **Adriana Androvandi e Marcos Santuario** | E-mail | cultura@correiodopovo.com.br

Evento homenageia os museus

Instalação de dez molduras posicionadas em frente a museus e pontos turísticos integra a ação

pela primeira vez em quatro anos, o evento "Noite dos Museus" foi realizado de forma virtual. A ação, que costuma reunir multidões nas ruas e nos espaços culturais de Porto Alegre, desta vez levou as apresentações artísticas e os museus para dentro das casas via on-line. Em oito horas de transmissão ao vivo no último sábado, dia 5, o público pôde conferir 24 apresentações, entre pocket shows e performances de dança, assim como conteúdos originais sobre os 16 espaços culturais participantes desta edição que receberam a iluminação temática do evento, mesmo fechados para visitação.

Após o sucesso da edição virtual, o projeto segue movimentando a cidade com duas ações. A primeira delas é a instalação de dez molduras posicionadas em pontos turísticos da cidade. A intervenção quer provocar um novo olhar sobre os espaços públicos. "Buscamos novas perspectivas sobre a cidade e a maneira como nos relacionamos com ela. Ao olharmos pela moldura, os espaços ganham novos matizes e novas narrativas, podendo se transformar em uma obra de arte", diz Rodrigo Nascimento, idealizador do evento.

A ação é uma parceria entre o evento e a Diretoria Geral de Turismo e Eventos da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura de Porto Alegre. As molduras ficarão posicionadas até o início de janeiro na Praça da Alfândega, na Praça XV, no Parque Moinhos de Vento, no Parque Farroupilha, na Praça da Encol, na Orla do Guaíba, na Orla de Ipanema, na Praça Mon-



Molduras em frente a pontos culturais e turísticos da cidade seguirão expostas até janeiro

tevidéu, no Parque Marinha do Brasil e na Praça dos Açorianos.

As apresentações foram transmitidas da área externa de quatro museus da capital gaúcha (a Pinacoteca Ruben Berta, o Memorial do Rio Grande do Sul, o Museu Joaquim Felizardo e o Museu Júlio de Castilhos) e também de espaços surpresa, como a lateral do Teatro São Pedro, que recebeu uma performance do compositor e humorista Hique Gomez e o instrumentista Tales Melati; e o barco Cisne Branco, de onde a transmissão foi encerrada, com uma gravação inédita com o pianista João Maldonado.

A exibição também foi feita diretamente da casa de alguns artistas, como o músico Humberto Gessinger, que tocou da sua casa em Porto Alegre; e a cantora, compositora e multi-instrumentista Fernanda Takai, que participou de Belo Horizonte.

Além disso, até esta sexta-feira, dia 11 de dezembro, ao meio-dia, o público ainda pode participar da campanha Adote um Museu, adquirindo os kits da Coleção Noite dos Museus em Casa. São 15 opções de kits - cada um deles dedicado a um dos centros culturais participantes - que contém reproduções de obras do

acervo desses espaços. Ao final da ação, o lucro das vendas será revertido em doações para os espaços culturais participantes investirem em suas reaberturas e em futuros projetos. As peças foram feitas em dois materiais: em papel couchê, para expor dentro de casa, e em papel manteiga, para ser fixada nas janelas. Os kits podem ser adquiridos pelo site www.noitedosmuseus.com.br/2020. Os kits adquiridos estarão disponíveis para retirada somente no dia 11 de dezembro, das 8h30min às 17h, na Cinemateca Capitólio (Rua Demétrio Ribeiro, 1085), no Centro Histórico.

PARCERIA

Análise de acervo do Margs

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs) intensifica suas ações nas redes sociais e apresenta um programa especial de reflexões sobre obras que integram o acervo artístico do museu. Desenvolvida pelo coletivo de artistas e pesquisadores Arquipélago, a ação será realizada em duas etapas no Instagram e Facebook (#museumargs), trazendo análises sobre obras do acervo artístico da instituição. De hoje até o dia 12 de dezembro, serão compartilhadas reflexões a partir do tríptico de desenhos "01", do artista Tunga. E entre os dias 14 e 19, sobre "O Colecionador", livro de artista de Waltercio Caldas.

INCENTIVO

CEC aprova valores para LIC

O Conselho Estadual de Cultura do RS (CEC) aprovou R\$ 7,3 milhões em projetos culturais em novembro. Segundo o presidente do CEC, Airtton Ortiz, são 31 projetos de diversos segmentos, em quase todas as regiões funcionais do Estado, habilitados a captarem recursos através da Lei de Incentivo à Cultura do RS (LIC). "Os Conselheiros de Estado da Cultura têm feito um esforço conjunto para dar celeridade, avaliar, e, se for o caso, aprovar o maior número de projetos ainda antes do final do ano, possibilitando que a economia da cultura possa se recuperar da crise gerada pela Covid-19", afirma Ortiz.

**AGORA SIM!
VOCÊ FICA BEM
INFORMADO O
ANO TODO!**

**Black
Friday**

Correio
do Povo

Encontre um pacote de notícias que combina com seu estilo de vida, com condições especiais:

Digital Top
Jornal Digital

**Impresso
+ Digital**
Segunda a Domingo

**Impresso
Sáb. a Dom.**
+ Digital

Ligue e aproveite esta grande oportunidade:
(51) 3216.1606 | 0800.009.9100

CORREIO DO POVO
INFORMAÇÃO É O QUE NOS CONECTA